

MEMÓRIAS, NARRATIVAS E
ANCESTRALIDADE DO QUILOMBO
SAMBAQUIM

Memories, narratives and ancestry of the Quilombo
Sambaquim

José Luiz Xavier Filho

MEMÓRIAS, NARRATIVAS E ANCESTRALIDADE DO QUILOMBO SAMBAQUIM

José Luiz Xavier Filho¹

Resumo

O Quilombo Sambaquim, localizado no município de Cupira, pequena cidade do agreste pernambucano, como muitas das comunidades quilombolas da região, sofre com descasos públicos, como por exemplo, a falta de recursos e a desvalorização cultural. Os diálogos aqui inseridos são muito mais valiosos do que mera descrição. São registros históricos de um povo, que por muito tempo foi silenciado pela sociedade da qual faz parte. Nossa função como historiador é levar adiante a pesquisa, tecendo a trajetória histórica dessa comunidade, através de suas memórias, tradições e oralidades. Analisar a comunidade quilombola é fazer uma viagem e se aventurar em suas narrativas, pois, é a através da tradição oral que são preservados os saberes dos seus ancestrais. Logo, o nosso objetivo é construir **uma** história do Quilombo Sambaquim, através da valorização e da apropriação das narrativas contadas pelos membros da comunidade assim como seu legado histórico, fazendo uma analogia entre o seu passado escravista, a história sobre seus antepassados, e o tempo presente da comunidade, tendo em vista as contribuições estabelecidas na construção da identidade e ancestralidade de seus moradores. Entendemos que as tradições são de suma importância para a preservação dos saberes da comunidade, por isso, nesse ponto, ela foi essencial por ser uma base única e que vem direto da nossa maior fonte de pesquisa: as informações cedidas pelos quilombolas. Compartilhamos com vocês, leitores(as), esta breve pesquisa sobre o imaginário e os simbolismos quilombolas em torno das suas próprias histórias com a herdada pelos seus ancestrais. Que este artigo contribua para os estudos sobre o quilombo Sambaquim e o autoconhecimento dos moradores.

Palavras-chave: Quilombo; Quilombo Sambaquim; Memória; Ancestralidade.

Abstract

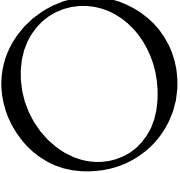
Quilombo Sambaquim, located in the municipality of Cupira, a small town in the countryside of Pernambuco, like many of the quilombola communities in the region, suffers from public delays, such as lack of resources and cultural devaluation. The dialogues inserted here are much more valuable than mere description. They are historical records of a people, which for a long time was silenced by the society of which it is a part. Our role as a historian is to carry out research, weaving the historical trajectory of this

¹ Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), especialista em Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), e em História e Cultura Afro-Brasileira pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG), mestrando em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas pela Universidade de Pernambuco (UPE), professor de História do quadro efetivo da rede municipal de ensino do município da Lagoa dos Gatos – PE, ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4762429040202808>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9088-8610>, E-mail: jlxfilho@hotmail.com.

community, through its memories, traditions and oralities. Analyzing the quilombola community is taking a trip and venturing into their narratives, as it is through oral tradition that the knowledge of their ancestors is preserved. Therefore, our goal is to build a history of the Quilombo Sambaquim, through the valorization and appropriation of the narratives told by the members of the community as well as its historical legacy, making an analogy between its slave past, the history about its ancestors, and time community, in view of the contributions established in the construction of the identity and ancestry of its residents. We understand that traditions are of paramount importance for the preservation of the community's knowledge, so, at this point, it was essential because it is a unique base and comes straight from our biggest source of research: the information provided by quilombolas. We share with you, readers, this brief research on the imagery and symbolism of quilombolas around their own stories with the one inherited by their ancestors. May this article contribute to studies on the Sambaquim quilombo and the residents' self-knowledge.

Keywords: Quilombo; Quilombo Sambaquim; Memory; Ancestrality.

Introdução

 meu interesse pelo Quilombo Sambaquim nasce de duas interferências na trajetória da pesquisa: a primeira, quando localizo a comunidade, fortuitamente, em 2009, início da minha graduação em História e o lugar tornar-se, para mim, ponto de encontro com os moradores e um espaço de estudos. A segunda é quando o secretário de cultura de Cupira faz referência à comunidade em um discurso proferido em 2012: “*Temos descendentes de escravos vivos, é a própria história do Brasil sendo contada*”.

Não temos “descendentes de escravos”, os e as quilombolas de Sambaquim são descendentes de homens e mulheres que foram trazidos da África para serem escravizados. E nesse andar da carruagem, eu já estava pesquisando mais a fundo e foi objeto da minha monografia durante a graduação em História.

Entre os séculos XVI e XIX, nas Américas, foram formadas sociedades coloniais em que predominou a forma de trabalho escravo com indígenas e principalmente africanos. A diáspora africana, ocasionada pelo tráfico de negros, marcou e consolidou um sistema econômico e a formação do que ficou conhecido como mundo moderno. Uma grande

parcela de africanos, vendidos como escravos, veio para o Brasil, condicionados a uma vida de subordinação e dominação pelos brancos portugueses, acarretando assim, na desumanização da população negra.

Mas, mesmo com a vida a qual foram submetidos, houve também encontros com povos de diferentes culturas, religiões e saberes. As sociedades escravistas conheceram várias formas de protesto. Segundo João Reis e Flávio Gomes, “onde houve escravidão, houve resistência” (REIS; GOMES, 1996). Insurreições, rebeliões, assassinatos, destruição de ferramentas, incêndio de plantações, são algumas das formas que o negro encontrava de se rebelar contra o sistema vigente. Aliando-se a isso, as fugas e agrupamentos de escravos fugidos completam essas expressões de resistência negra.

Com o passar do tempo e com toda a reestruturação, os quilombos passaram a constituir uma temática nova em consonância com os dias atuais, mudanças essas com suas próprias noções e aplicações, tornando-os em um campo de pesquisa fecundo. Dito isto, o quilombo Sambaquim, localizado no município de Cupira, pequena cidade do agreste pernambucano, como muitas das comunidades quilombolas da região, sofre com descasos públicos, como por exemplo, a falta de recursos e a desvalorização cultural. E esse, foi mais um fator que me condicionou a pesquisar a comunidade.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo realizada no quilombo Sambaquim e tem como objetivo apresentar a construção da identidade negra e a história da comunidade relatada sob as teias da memória coletiva, da tradição oral e as manifestações culturais herdadas pelos seus ancestrais. Procuramos entender e transcrever a trajetória social de um grupo que não assumia ser quilombola e que depois da certificação de comunidade remanescente, aliado com a valorização da cor negra, surgem discursos politizados e lutam por mais espaços dentro da conjuntura política municipal. Logo, priorizamos a oralidade do grupo por acreditarmos e defendermos que o melhor método de se conhecer a origem de uma comunidade remanescente quilombola é dando voz a um

grupo que há muito tempo foi silenciado pela sociedade, enfatizando assim, uma história sob a ótica negra.

Partindo desse princípio, compartilho com vocês o caminho teórico e metodológico que tomei e como me aprofundei cada vez mais nesse campo de estudo. Decidi usar a primeira pessoa na introdução desse texto para nos deixarmos mais íntimos e que vocês possam entender como é sensível e mágico trabalhar com comunidades quilombolas e as tradições orais desses grupos. Este artigo é fruto de um projeto de mestrado.

Campo metodológico: narrativas, tradição e História Oral

Um historiador que trabalha com tradições orais deve convencer-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa, totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de tradição oral.

A tradição deve ser definida, de fato, como um testemunho, transmitido oralmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas, isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas ou afrodescendentes. Dito isto, a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. As tradições desconcertam o historiador contemporâneo, imerso em tão grande número de evidências escritas, vendo-se obrigado, por isso, a desenvolver técnicas de leitura rápida, pelo simples fato de bastar à compreensão a repetição dos mesmos dados em diversas mensagens.

As tradições requerem um retorno contínuo à fonte. Esta, deve ser escutada, aprendida, digerida internamente como um poema e cuidadosamente examinada para que

se possam apreender seus muitos significados, ao mesmo no caso de se tratar de uma elocução importante. O historiador deve, portanto, aprender a trabalhar mais lentamente, refletir para embrenhar-se numa representação coletiva, já que o corpus da tradição da memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma. O historiador deve iniciar-se, primeiramente, nos modos de pensar da sociedade oral, antes de interpretar suas tradições.

O problema que estas comunidades contemporâneas enfrentam com as mudanças estruturais e institucionais se constitui no isolamento cultural, isto é, a interação do indivíduo com a sociedade pressupõe sua identidade, ou seja, o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2005). A não preservação dessa cultura levará ao esquecimento e a exclusão de registros importantes da cultura afro-brasileira e da identidade de um povo.

O quilombo Sambaquim, distante da zona urbana cerca de 4km, um trajeto curto, mas o acesso torna-se difícil, devido à estrada de terra, porém, não interferiu em nosso propósito. Tivemos algumas dificuldades, como os empecilhos políticos, as fontes (documentos) escassas e outras que não nos foram cedidas.

Como foi mencionado, nesse futuro trabalho de mestrado, ao ampliar a pesquisa, o objetivo será construir uma história do Quilombo Sambaquim, através da valorização e da apropriação das narrativas contadas pelos membros da comunidade, enfatizando as memórias e tradições orais, assim como seu legado histórico, fazendo uma analogia entre o seu passado escravista, a história sobre seus antepassados, e o tempo presente da comunidade, tendo em vista as contribuições estabelecidas na construção da identidade negra de seus moradores².

² O que podemos refletir é que o historiador do tempo presente, como qualquer outro historiador, não pode ter a ingenuidade de querer fazer uma história objetiva ou neutra, no momento em que a afetividade com o tema é também latente na pesquisa, no trabalho. Neste sentido, o historiador do tempo presente

Nosso recorte temporal exclusivamente para a construção desse artigo, consiste num espaço de 73 anos, que vai de 1946 a 2019. Essa escolha foi baseada na média da idade dos entrevistados. Nossa principal fonte são as histórias narradas: contamos com 9 entrevistas, entre homens e mulheres. Nosso narrador mais antigo tem 95 anos de idade³, e o mais jovem 34. Há uma ênfase nas narrativas dos mais velhos, acreditando que, dessa forma, podemos extrair histórias mais antigas, contadas por esses personagens, a respeito do quilombo e dos seus antepassados. Foram histórias contadas sobre a comunidade, sobre suas próprias vidas e de seus ancestrais e sobre as questões territoriais.

Analisar a comunidade quilombola é fazer uma viagem e se aventurar em suas narrativas, pois, é a através da tradição oral que são preservados os saberes dos seus ancestrais. Essas falas são transmitidas de uma geração para outra. Sendo assim, percebemos que nenhuma outra alternativa para estudar a fundo a história em Sambaquim teria a validação sem que nos apoiássemos nessa herança de conhecimentos.

Um estudioso que trabalha com tradições orais deve compenetrar-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa, totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, tradição oral (VANSINA, 1980, p. 157).

deve fazer a crítica interna ao documento, procurando não deixar que a paixão pelo tema interfira diretamente em sua pesquisa, seu cuidado deve ser o de não cair numa reconstrução pessoal da história. Daí a importância de sabermos onde estamos pisando, em se tratando da história do presente, campo muito fértil para a pesquisa histórica, mas, por ser novo, requer muito empreendimento do historiador que a escolhe (AMARAL, Elane C. **Subindo a serra, descendo a história: memória e identidade cultural na comunidade remanescente de quilombo Grilo- PB (1930-2010)**. Dissertação (Mestrado em História), PPGH – Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2011, p. 26.

³ Lembrando que as entrevistas foram realizadas no ano de 2019.

As tradições são de suma importância para a preservação dos saberes da comunidade. Nesse ponto, ela foi essencial por ser uma base única e que vem direto da nossa maior fonte de pesquisa: as informações cedidas pelos quilombolas. São suas histórias e suas memórias sendo narradas com protagonismo e que faz parte da prática social dos moradores da comunidade, principalmente no repasse das tradições dos mais velhos aos mais novos.

É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tendo, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume. [...] Consideramos que a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição (HOBSBAWM, 2008, p. 11-12).

A vivência do cotidiano é uma das fontes mais ricas para a construção de um estudo sobre a memória de um povo e das suas relações sociais com o meio em que vive e as sociedades urbanas contemporâneas. Foi a partir das memórias dos moradores que tivemos a condição de conhecer um pouco mais a respeito da comunidade e descobrir aspectos relativos a ela, como sua origem, a origem de seu povo, as tradições mantidas, a identificação do indivíduo como um quilombola e a organização comunitária. Nossa perspectiva era entender a comunidade através da oralidade.

Então, a memória é mais do que apenas uma experiência ou vivência individual armazenada, ela faz parte de um conjunto: pessoas e meio. O acesso à memória individual enriquece a pesquisa em caráter biográfico, a identidade de um indivíduo; já a contribuição da memória coletiva, nos dá uma amplitude de contexto social, no caso do quilombo, as relações entre os membros. Por isso nos apropriamos das ideias de Halbwachs (2003). Ele nos serve de referência, devido ao valor dado à memória coletiva:

É possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordarmos, do ponto de vista desse grupo. Temos o direito de pedir que este segundo aspecto seja admitido, pois esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo e porque, pelo menos a distância, essa pessoa ainda recebe sua influência (HALBWACHS, 2003, p. 41-42).

O quilombola precisa ser ouvido. Essa narrativa é uma fonte essencial numa comunidade sem escrita, principalmente entre os membros mais velhos. É necessário conhecer a sua história e as relações sociais através da fala.

Além das narrativas, elaboramos e seguimos um roteiro com 22 perguntas produzidas com um direcionamento focado do que queríamos estudar e assim poder desenvolver nosso estudo. Perguntas sobre a vida pessoal do quilombola e da comunidade. Conceitos de quilombo, ser quilombola, negritude, ancestralidade, territorialidade, formas de trabalho e os aspectos culturais da comunidade, nos forneceram embasamento para entender o quilombo.

Quando decidimos realizar as entrevistas, a princípio, procuramos os mais idosos da comunidade, por considerar que tenham mais experiência de vida e poderia nos proporcionar maior quantidade de fatos através de suas memórias, mas nem sempre o fato de “querer falar” significava dizer que “estivessem em condições físicas e mentais de empreender a tarefa que lhe seria solicitada” (ALBERTI, 2005, p. 30). A memória do indivíduo é seletiva, é falha e com o avanço da idade pode ser tornar um ponto de dificuldade e interferir na memória do indivíduo e isso foi percebido nas entrevistas, por meio de alguns lapsos, perguntas que ficaram sem respostas.

Foi importante também para esse estudo, para nós que trabalhamos com as questões relacionadas a memória histórica, social e cultural, os ensinamentos de Michael Pollak (1989, 1992), pois, para o autor, o depoimento oral tem o mesmo valor que um

documento escrito enquanto fontes para pesquisa, cabendo a nós, pesquisadores, desenvolver metodologias para analisar e criticar as narrações.

Utilizamos as teorias de História Oral de Alberti (2004, 2005), que, segundo a autora, através da entrevista pode-se alcançar aquilo que se deseja na memória do indivíduo. Ela divide-a dois tipos: entrevistas de vida ou temática.

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm, como centro de interesse, o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou e se interessou (ALBERTI, 2005, p. 37).

No que consiste em entender as questões de identidade negra, os dois tipos de entrevista são fundamentais. As entrevistas de vida fornecem dados sobre suas experiências pessoais, como se deu a construção do sujeito como negro e quilombola, fazendo alusão a sua história com o meio e suas relações com a comunidade. Já a temática nos fornece subsídios para entender as relações do ambiente como um todo, o conjunto de valores da comunidade, tradições, festas, costumes, o cotidiano da sociedade. Lembrando o quão importante é o diálogo do quilombola consigo mesmo, desde sua infância ao relacionamento com seus antepassados.

A etapa de transcrever as entrevistas tem grande importância: é o momento de voltar a Sambaquim através das falas, ter contato direto com o objeto de pesquisa, escutando suas histórias. Reforça o comprometimento com a memória dos quilombolas e respeito quanto aos seus desejos. Foi através dos estudos da oralidade que pudemos estabelecer as relações entre o passado e a contemporaneidade.

Para complementar nosso aporte teórico sobre História Oral, utilizamos os conceitos de José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2014). As histórias foram contadas e os diálogos registrados por meio da gravação, assim, nos forneceram material necessário

para transcrever e socializar os seus pensamentos no que diz respeito sobre a ideia de construção do sujeito quilombola. Logo, a História Oral “ao valer-se da memória estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins” (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 14).

Estivemos inúmeras vezes dentro da comunidade, conhecendo o número máximo de moradores possíveis e compartilhando, junto deles, de cada conversa e história contada, algumas em formas de entrevistas, as quais foram úteis para o desenvolvimento desse artigo, outras, de formas esporádicas que serviram para ganhar a amizade e confiança dos membros, que, a priori, tiveram uma leve resistência em conversar conosco, pois, não éramos os primeiros a pesquisar dentro da comunidade, e segundo eles, não trouxeram “*nada de volta*” a ela.

Acreditamos que esses diálogos foram fundamentais para os objetivos que aqui foram propostos, visto que a fonte oral é a base desse trabalho, a interação *pesquisador e quilombola*, nos deu subsídios para traçarmos e tecermos o plano metodológico que apresentamos: memória, oralidade e ancestralidade. Essa estratégia foi necessária no sentido de que nos ajudaram na investigação e coleta dos dados que queríamos, entender como se deu o processo da construção da história, pela ótica quilombola, e a construção da identidade negra do quilombo através da ancestralidade em comum.

Especificamente em Sambaquim, o reconhecimento de *ser quilombola* se tornou mais evidente dentro do grupo depois da titulação da comunidade remanescente de quilombos. A titulação, para eles, é o marco de que de fato eles são quilombolas, como se a documentação trouxesse a oficialização. Mesmo eles trazendo consigo, em suas memórias, os ensinamentos deixados pelos seus ancestrais, a certeza de ser quilombola não estava ligada a terra herdada ou apenas a cor da pele, eles precisavam de algo documentado que provasse.

Logo após essa construção identitária, a comunidade passou a valorizar mais a cor, e a não se ver tão inferiorizada. Aprendeu a valorizar mais suas raízes, perpetuou as histórias contadas pelos seus ancestrais e luta para deixar viva suas manifestações culturais. Trata-se de uma história que deve ser compreendida através de um novo olhar, o quilombola como protagonista. Sobre o negro no pós-colonialismo, utilizamos como referência Boaventura de Souza Santos (1993; 1999; 2003). Sobre a construção da identidade negra, trabalhamos com as referências de Stuart Hall (2003; 2014a; 2014b; 2015).

Vale ressaltar também, que os laços de parentescos firmados e a territorialidade são pontos em comum e que fortificam a identidade da comunidade, pois tais aspectos são assumidos pelos próprios moradores que entrevistamos e identificam que são pertencentes ao lugar que herdaram dos seus pais, e, afirmam, que é de suma importância permanecerem onde estão suas raízes.

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder a oralidade a mesma confiança que se concede a escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. Nesta pesquisa, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra.

Para Meihy e Holanda (2014), os grupos ágrafos que sofrem processo de dominação adaptam suas tradições na necessidade de criar mecanismos de sobrevivência. A tradição oral revela as estruturas e comportamentos dos grupos, bem como a noção de passado e presente. Os casos de tradição oral implicam o uso do que se chama de narrativas emprestadas. Como para a explicação do presente a tradição oral necessita da retomada de

aspectos transmitidos por outras gerações, dá-se o empréstimo do patrimônio narrativo alheio, quase sempre herdado dos pais, avós e dos idosos.

A história oral direciona a construção desta pesquisa no que se refere aos entendimentos e as interpretações da memória, por proporcionar através das entrevistas a abrangência de elementos históricos e culturais. Os primeiros contatos com o Quilombo Sambaquim foram como uma forma de apresentação e conhecimento, sem pretensões iniciais de desenvolvimento de um trabalho científico, justificando-se assim, a ausência de um projeto de história oral como requer a ABHO (Associação Brasileira de História Oral): projeto formal, cartas de cessão e autorizações formais de cada entrevista. Entretanto, sempre houve apresentação dos objetivos, além da permissão relativa às gravações de todas as entrevistas.

As primeiras entrevistas constituíram-se, estritamente, com base e, roteiro e de forma livre, deixando que novas perguntas e respostas surgissem ao longo do processo. Foram entrevistados quase todas as famílias e seus entes, individualmente. Logo, entre os moradores, surgiam os detentores da memória da comunidade. As falas foram respeitadas em absoluto. Aqui, a História oral foi utilizada como instrumento metodológico na coleta das entrevistas, possibilitando uma maior visibilidade a história da família e do grupo, estabelecendo os padrões e as principais mudanças no decorrer do tempo, do lugar e das sucessivas gerações. Obviamente, logo em seguida, voltamos a comunidade e realizamos formalmente as entrevistas de vida e temática.

Compartilhamos com vocês, leitores, este breve relato metodológico da pesquisa sobre o imaginário e os simbolismos quilombolas em torno das suas próprias histórias com a herdada pelos seus ancestrais. Que esta narrativa aqui apresentada contribua para os estudos que serão cada vez mais aprofundados sobre o quilombo Sambaquim e o autoconhecimento dos moradores.

Lugares da memória

O Quilombo Sambaquim foi inserido no município de Cupira em 1959, data da emancipação política da cidade. Até então, Cupira era uma vila pertencente ao município vizinho, Pannels. Nesse mesmo ano, com as novas limitações geográficas, o sítio ao qual leva o mesmo nome da comunidade quilombola, foi anexado aos limites territoriais de Cupira.

Dentro da comunidade remanescente é de fundamental importância, a construção de sua história, visto que a oralidade em Sambaquim é a fonte que faz perpetuar o conhecimento, através das gerações. Conforme Matos e Castro, em comunidades quilombolas:

[...] os aspectos simbólicos da memória familiar da escravidão são comumente destacados nas narrativas, principalmente dos mais velhos. As histórias são construídas de acordo com a produção da memória coletiva. As narrativas são elaboradas e reelaboradas em função de relações tecidas no tempo presente (MATTOS, CASTRO, 2006, p. 109).

A priori, quando começamos a pesquisa em Sambaquim, na busca sobre sua historicidade, investigamos sua ancestralidade e descobrimos que o nome do quilombo foi dado pelos “*antigos*”. Palavra que faz referência constantemente na fala dos quilombolas quando se referem aos seus antepassados.

Ói, a origem, segundo os mais antigos, tinha uma árvore com um nome Sambaquim e por isso ficou chamado comunidade Sambaquim.

Pesquisador: Nos casos os mais antigos são teus avós?

É bisavós, eram esses... (Quitéria Josefa da Silva, 43 anos).

Outras definições dadas pelos moradores confirmam a descrição feita por Quitéria Josefa da Silva, como no caso a fala de Otávio Miguel da Silva:

A origem do Sambaquim? Quer dizer que a origem aqui... O nome de Sambaquim vem, eu vou falar pra você. Eu não conheci o pau [árvore], mas ainda conheci umas raizeras de pau atravessado no barranco da água. Olhe, a origem de Sambaquim vou lhe mostrar. Você tá vendo aquela casa, por cima dessas duas que tem essa branca ali, naquele terreno de lavoura, lá no pé da serra a casa, depois o Sambaquim é daquela casa pra cá na baixa era um olho d'água antigo que se chamava Sambaquim (Otávio Miguel da Silva, 76 anos).

A árvore se encontra na entrada da comunidade e, segundo os moradores, é nesse ponto que *os antigos* se encontravam ou se orientavam. Supõe-se que a árvore podia ser o marco referencial para os negros e as negras escravizadas que lutaram pela liberdade, onde identificavam a entrada do quilombo. Além da função simbólica para a comunidade, ela é um ponto de referência para os limites territoriais.

É comum na comunidade apontarem onde começa ou termina o quilombo, uma forma de demarcar o local e as fronteiras inter-étnicas⁴, que, segundo eles, são pelos aspectos físicos da geografia local. As referências dos limites de Sambaquim, historicamente, são a árvore, da qual deriva o nome da comunidade até a Serra do Bode, depois da serra se encontra outra comunidade quilombola.

Ancestralidade

Os relatos que nos foram fornecidos são decorrentes de uma herança ancestral, que ao passar do tempo, passaram a fazer parte da memória coletiva dos moradores. Em nossa pesquisa, buscamos reconstituir o processo de ocupação territorial do quilombo através dessas histórias, muito embora, elas parecessem um quebra-cabeça, os relatos foram

⁴ Nos apropriamos desse termo porque a comunidade faz fronteira com outra comunidade quilombola e com outros sítios, aos quais eles chamam de terra de brancos.

significativos, no sentido de que, por meio delas, os entrevistados retomam o passado e reelaboram o significado de sua identidade no presente.

A história do negro brasileiro, em particular do negro que se fez camponês demanda a compreensão de um tempo de existência, que diz respeito ao presente das comunidades negras, mas diz respeito também ao seu passado, à sua origem que nos é contada por fragmentos. Fragmentos prenhes de vida, repletos de histórias, partes integrantes da memória e tradição (GUSMÃO, 2001, p. 338).

Alguns aspectos foram essenciais para identificar o significado dado, pelos moradores, aos seus ancestrais, como, nossas idas à casa de farinha, ao terreiro⁵, serras e rios do sítio. Através desses elementos visitados, os moradores ressaltam a importância dos “antigos” do sítio e os relacionam a sua identidade, pois eles registram esses locais como herança que faz parte da história deles.

Nesse aspecto, abre-se um leque de possibilidades para analisar e interpretar os estudos sobre os grupos étnicos, neste caso, a ancestralidade quilombola e suas relações históricas e interétnicas através da memória coletiva, tendo em vista que estes conceitos, como afirma Ginzburg, “são instrumentos de distanciamento para encarar criticamente a realidade, sem se deixar tragar por ela” (GINZBURG, 2001, p. 12). Logo, colocamos a identidade étnica como diferente de outras, pois ela está ligada e orientada para o passado.

Essa referência a uma origem comum presumida parece recuperar, de certo modo, a própria noção de quilombo definida pela historiografia. Vale assinalar, contudo, que o passado a que se referem os membros desses grupos “não é o da ciência histórica, mas aquele em que se representa a memória coletiva” — portanto, uma história que pode ser igualmente lendária e mítica (O'DWYER, 2002, p. 7).

⁵ Destacamos aqui que o termo terreiro, de acordo com os moradores do quilombo Sambaquim, é usado como espaço para reuniões festivas e não para práticas de religiões africanas.

O ponto principal das nossas investigações é o limite étnico que define o grupo até onde alcança sua memória, portanto o que há de comum. Dentro desse contexto, de acionar ao passado, que nos permitiu entender e legitimar suas formações sociais e sua inserção dentro das políticas regionais com base em sua identidade quilombola. Segundo Dimas Silva:

Os quilombos são como núcleos de resistência contemporâneos, onde o uso e a posse de suas terras se realizam numa simultaneidade de apropriação comum e privada dos seus territórios secularmente ocupados, onde desenvolvem práticas culturais, religiosas, de moradia e trabalho, se afirmam enquanto grupo a partir de fidelidade às suas próprias crenças e noções de regras jurídicas consuetudinariamente arraigadas, atribuindo-lhes o papel de *grupo étnico* elemento fundamental formador do processo civilizatório nacional (grifo do autor) (SILVA, 1995, p. 98).

Logo, a identidade histórica da comunidade surge como resposta a atual situação vivida por eles, quer seja por critérios de exclusão social ou pertencimento, confronto com grupos vizinhos ou ao município ao qual o quilombo está inserido, problemas econômicos, descasos políticos ou problemas com o território que ocupam (O'DWYER, 2002). Dentro da comunidade, constantemente em nossas entrevistas, o quilombola se locomovia no ato da fala, como se o espaço ativasse algo em sua memória quando dizia “*aqui os antigos se reuniam*”, portanto, apontamos essa interação dos entrevistados com o meio em que vive, como uma construção ou, como aponta o autor citado, “*refabricação*” de sua história com a que foi passada para ele, através da tradição oral do quilombo. Nessa ótica, Neusa Gusmão afirma:

A memória é o caminho pelo qual os grupos percorrem os espaços da vida e constroem a imagem de si e da terra particular, no tempo (...). O mundo camponês, como universo próprio de coisas e signos, práticas e rituais, públicos e privados, individuais e coletivos, tem a oralidade como forma de preservação e sustentação desse mundo e busca nela os instrumentos de sua luta (GUSMÃO, 1995, p. 71).

Ligamos este ponto da memória ancestral ao lado da oralidade da comunidade que pela prática, regula a conduta dos membros do quilombo. Suas características familiares e culturais são moldadas à memória dos seus antepassados. Chegamos então a um ponto compatível dos diálogos recolhidos através das entrevistas, encontramos uma ancestralidade em comum nas falas quilombolas.

Sobre os primeiros povoadores, podemos notar em quase todas as entrevistas, e os que souberam responder, que a origem do povo em Sambaquim é ligada a Família Cosme Lira e a Família Lourenço, são as famílias mais antigas e que têm um tronco hereditário extenso. A comunidade em si é quase toda formada por parentes, primos, tios, o que remete a quase uma única linhagem. Um dos moradores mais antigos, Ulisses Francisco da Silva, 91 anos, nos respondeu:

Os primeiros que moravam? Já morreram tudo. O mais antigo que tinha era meu avô, Miguel Cosme de Lira, depois, João Nicolau, que era meu sogro, e os troncos mais véi, meus tio, era, Francisco Cosme, a família Cosme. Um monte, tudo da família dos Cosme.

Fato este reafirmado por outro morador: José Joaquim da Silva, 74 anos:

Foi muito... Eu vou começar lá de Sambaqui, começar logo de lá, dos que eu conheci, tio meu de conhecido dos véi, que eu conheci, é assim que o senhor quer saber, dos mai véi, dos mai antigo, um foi Chico Miguel, Francisco Miguel, o pai de Ulisses, óia, o pai de Antônio Chico, era tio meu, o outro, Tio Cassiano de Cosme Lira, era primo de pai, eu pedía a bênça a ele, o outro, o avô... bisavô dessa menina, Manoel Nicolau, irmão do meu avô, outro, tinha muita gente né, Francisco Lourenço, o pai de Manoel Lourenço, e Antônio Lourenço, finado Antônio Lourenço. Outro, aquele menino, Tio Miguel Cosme, Tio Cícero Cosme, Tio Antônio Cosme, foi dos velho que eu conheci ele, tudo família de pai, tudo família da gente isso aí (grifo nosso).

João Miguel Filho, 71 anos, conhecido na comunidade como mestre da Mazurca⁶, um dos membros mais ativos do quilombo, se propôs a conversar conosco e compartilhar tudo que sabia.

Eu não vou dizer os primeiros porque a família foi Miguel Cosme, Francisco Cosme, foi finado, meu pai já é raiz, meu pai é João Miguel da Silva, finado Francisco Miguel que era amigo do meu pai, era muito velho, Antônio Miguel, finado João Francisco, que era tudo família dos Cosme. [...] tudo era gente ali que eu conhecia. Finado Joaquim Inácio, que foi dos primeiros fundadores, era inspetor nessa época por lá, o povo não gostava dele, o povo não gostava né, o povo por lá de Sambaquim, finado Manoel Mandu, mas já era no sítio novo, não era mais no Sambaquim. Mas a raiz de Sambaquim mesmo era a família dos Cosme, Cosme Lira, fiando Miguel Cosme Lira (grifo nosso).

Antônio Francisco de Lira, 92 anos, nos forneceu a informação que o seu pai foi um dos primeiros povoadores de Sambaquim, as terras pertenciam ao seu pai, “*Eu sei que aqui foi do meu pai. Foi tudo de pai essas terras por aqui*” e que por conta disso, receberia a homenagem por parte do município, tendo seu nome dado à escola do quilombo. No entanto, a inexistência de fotografias de sua pessoa fez com que outro morador antigo receba a homenagem, que foi Francisco Lourenço.

Tinha um véi que morava acolá, chamado Francisco Lourenço, Aí quando fizeram esse colégio aí colocaram uma foto dele aí. Iam colocar o nome do pai, mas pai num tinha foto (Antônio Francisco Lira, 92 anos).

É muito comum em Sambaquim, nas falas dos entrevistados, notarmos a repetição do termo antes de responder “*segundo os mais antigos*”, ou até mesmo quando perguntávamos “os mais antigos/avós/pais te disseram isso?”, as respostas eram afirmativas.

⁶ Título dado ao repentista da dança de roda tradicional do Quilombo Sambaquim.

Ói que eu conheço mesmo foi... Francisco Lourenço que já morreu... bastante que já morreu, só que eu não conheço mais pelos nomes. Mas os pais diziam. Contava, só que a gente não ponha muito na cabeça, né. Mas... tem bastante (grifo nosso) (Josefa Estelina da Silva).

Sim, os meus avós, eles já participaram bastante do quilombo, até os bisavós fizeram parte da escravidão mesmo, do quilombo, a gente por ser mais novo, já pegou a história completa (grifo nosso) (Solônia Josefa da Silva, 38 anos).

Pesquisador: Mas no caso tu aprendeu a Mazurca com teus pais e teus avós? Eles passaram pra tu essa herança cultural?

Foi sim (Maria Sileide da Silva, 34 anos).

Essa transmissão de conhecimento que foi passada para a geração atual do quilombo é um fator importante para a perpetuação das histórias, costumes, enfim, os aspectos culturais da comunidade, ou seja, a estrutura familiar e as moradias dos avós funcionam como um instrumento da construção e herança dessa história. É muito comum netos e bisnetos passarem o dia na casa dos seus avós enquanto os pais trabalham na agricultura ou na cidade.

Os quilombos se constituem em comunidades construídas em torno da tradição oral. Isso também é uma característica herdada dos povos africanos tradicionais, os quais não possuem registros escritos sobre suas histórias, lendas, mitos. Tudo é repassado pela oralidade, através da fala. Dessa forma, a transmissão de conhecimento que foi passada para a geração atual do quilombo, é um fator importante para a perpetuação das histórias e dos costumes da comunidade. Nesse sentido, a estrutura familiar e as moradias dos avós funcionam como um instrumento da construção e herança dessa história.

Identidade Negra no Quilombo Sambaquim

As relações sociais entre os indivíduos podem ser vistas como uma contínua tentativa de se adaptar à maneira que seguem seu curso de vida, e, simultaneamente, com a de outras pessoas resultando em constantes modificações, transformações e atribuindo uma ordem significativa entre suas experiências e as construções identitárias. Cada indivíduo desenvolve um conhecimento construído de si mesmo e dele com o mundo, isto é, seus conceitos, ideias, crenças em consonância com o seu tempo e o meio em que vive. É nesse ambiente que surgem os processos e construções da identidade cultural do homem.

Tanto indivíduo quanto suas concepções de realidade são constituídas nas relações interpessoais. Essas inter-relações são mediadas por crenças, padrões, práticas e normas de toda uma sociedade e esta, por sua vez, em parte, é constituída por esse mesmo indivíduo dela participante, em um processo contínuo e dinâmico de mútua construção, cuja direção não é casual, mas determinada pelo somatório das ações políticas de todos os indivíduos que a constituem. Ainda, a sociedade e seus participantes encontram-se inseridos em uma cultura maior, desenvolvida historicamente (FERREIRA, 2009, p. 44).

Assim, em seu conjunto, os indivíduos, em função de suas concepções de realidade, desenvolvem uma sociedade e cultura específicas nas quais se inserem, sendo, concomitantemente, seu mundo simbólico por elas constituído, formando uma estrutura orgânica na qual todo e partes influenciam-se mutuamente, submetidos a um duplo movimento: o de manter uma certa estabilidade ao longo do tempo e o de prover transformações na própria estrutura. Portanto, “identidades são, assim, pontos de ligação temporária. [...] Elas são o resultado de uma articulação bem-sucedida ou ‘encadeamento’ do sujeito no fluxo do discurso” (HALL, 2014, p. 104).

Acrescentamos ainda que, segundo Hall (2014), as identidades são um conjunto de ações, reações e modificações, de acordo com a historicidade de cada indivíduo, pois está em constante transformação. Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos (2002) descreve a identidade como múltipla, inacabada, em constante processo de reconstrução, enfim, uma identificação em curso. É a partir desse contexto, que inserimos a ideia da construção da identidade negra em Sambaquim. O espaço de pertencimento para o sujeito quilombola, mesmo que sua referência histórica seja uma jornada opressora de um passado colonial, será marcado também por um conjunto de significados entrelaçados pelo presente.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões 'quem nós somos' ou 'de onde nós viemos', mas muito mais com as questões 'quem nós podemos nos tornar', 'como nós temos sido representados' e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (SANTOS, 2002, p. 237-280).

Assim, não podemos falar de um sujeito quilombola único, a identidade se forma coletivamente, isto é, de um cruzamento de significados, pois resulta da intersecção de diversas faces de sua história e de seu presente.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros no

mundo moderno e, diga-se de passagem, muito apegado a uma história pós-colonial (GOMES, 2003, p. 43).

O sujeito assume identidades diferentes e em diferentes momentos. Dentro de cada homem há inúmeras identidades que não estão unificadas ao redor de um “eu” coerente. Existem contradições que nos empurram para diferentes direções, de tal modo que as identificações são continuamente deslocadas (HALL, 2014). Se tivéssemos analisado os quilombolas a procura de uma identidade unificada desde o seu nascimento, estaríamos construindo uma cômoda história sobre eles mesmos, como seres históricos sem dinamicidade. A partir do momento que passamos a conviver mais dentro da comunidade, fomos confrontados com uma multiplicidade cultural identitária, tanto individual quanto coletiva.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserido qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (HALL, 2014, p. 12-13).

A identidade é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou de características que são partilhadas com o grupo, ou ainda a partir de um mesmo ideal. A partir desse fundamento é que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão. Discutir o conceito de identidade negra no quilombo Sambaquim, aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional.

Isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Ela tampouco se refere, se pensamos agora na questão da

identidade cultural, àquele eu coletivo verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas mantém em comum. Ou seja, um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma “unidade” imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças – supostamente superficiais. [...] As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2014, p. 108).

As identidades estabelecem uma conexão entre o presente na comunidade e da origem de um passado histórico em comum com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Isso ficou evidente durante nossas entrevistas e nas relações sociais cotidianas da comunidade. Em contrapartida, a autorreconhecimento em se dizer quilombola, nos pareceu serem atribuídas e construídas por mediadores, pois as respostas adquiridas, quando questionamos “*o que é quilombo?*”, eram quase as mesmas, uma repetição do conceito e alguns não sabiam responder.

Pesquisador: O que é quilombo?

Ói, não sei se vou responder no pé da letra, mas... Quilombo é o seguinte, quilombo acho que é aquele povo refugiado no tempo do cativeiro, né, que correram daquele mundo que não sei da onde, e saíram se refugiando (João Miguel Filho, 71 anos).

Pesquisador: O que é quilombo?

Sei não.

Pesquisador: Mas o senhor sabe que mora em um quilombo, né?

É... os negros trabalhava apulso. Cativeiro né... o tempo do cativeiro (José Joaquim da Silva, 74 anos).

Pesquisador: O que é quilombo?

O que eu conheço aqui... pra mim é... o que é quilombo, é aquela história que você, não sou quilombo, me considero descendente de quilombo, porque a gente já vive aqui numa terra sofrida, que vem dos escravos, acho que quilombo

é essa coisa, viver da agricultura, não sei nem explicar, já peguei essa história caminhada, um pouco difícil pra mim ainda (Solônia Josefa da Silva, 38 anos).

Através das falas dos nossos entrevistados, entendemos que os mediadores, possivelmente, foram os que trabalharam na comunidade durante o processo de titulação em 2005, pois esses, segundo os moradores, esclareceram para eles o que era quilombo. Nessa ótica, não podemos afirmar com exatidão quando começou especificamente a discussão no quilombo, mas, através dos diálogos, o termo “ser quilombola” começa a ser usado após a fundação da Associação Comunitária Remanescente de Quilombo (ACORQ)⁷, estabelecendo uma relação com um dos papéis assumidos pela Associação: representar a comunidade nas questões sociais relativas ao quilombo e as atividades culturais e do campo.

Esses posicionamentos foram discutidos com todos os entrevistados: queríamos saber o que eles entendiam por quilombo e perguntamos se eles se consideram quilombolas e o que isso influenciava na vida deles. Nosso interesse não é definir o conceito de quilombo, mas saber até aonde eles sabem o que é, o que torna mais relevante, portanto, são as memórias do grupo em relação ao que seus moradores sabem sobre eles mesmos e o que foi apreendido com seus antepassados sobre os conceitos deixados por eles.

Os membros da comunidade assumem serem quilombolas, pois associam o termo com a associação da comunidade e as melhorias que trouxe ao quilombo. Todos os nossos entrevistados alegaram de modo consensual que Sambaquim mudou depois que “*virou*

⁷ Fundada em data de 06 (seis) de fevereiro do ano de 2002 (dois mil e dois), com sede no Sítio Sambaquim, município de Cupira, estado de Pernambuco e foro em Cupira, estado de Pernambuco, é uma pessoa jurídica de direito privado, constituída sob a forma de associação sem fins econômicos e regida por este Estatuto Social e pelas disposições legais aplicáveis, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de promover o desenvolvimento da Comunidade Quilombola do Sambaquim e adjacências, fortalecer a cidadania quilombola e atender a todos que a ela se dirigirem, independente de classe social, nacionalidade, sexo, raça, cor ou crença religiosa.

quilombo”. Tais mudanças vão desde os benefícios e recursos recebidos pelo grupo, até o modo como são vistos pela sociedade cupirense. Segundo o relato de Quitéria Josefa da Silva, e confirmado por outros moradores, durante as feiras de rua semanais no centro de Cupira, antes do processo de titularização da comunidade, os quilombolas eram tratados com preconceito.

Olhe, antes assim a gente ia as vezes pra feira e as pessoas chamava a gente de negro. Chama, olha os negros de Sambaquim, sempre isso acontecia. Não sei se hoje ainda acontece, mas eu acho que sim. Lá vão os negro de Sambaquim, olha os negros de Sambaquim. A gente ficava meio chateado (Quitéria Josefa da Silva, 43 anos).

O resultado das nossas entrevistas evidencia uma construção identitária recente sobre ser quilombola. Esse discurso é novo na comunidade, ganhando força a partir da certificação. Mesmo assim, existe uma consciência e um conhecimento sobre sua origem histórica, fato comprovado na fala dos moradores que é justificada por uma ancestralidade comum: descendentes de escravos. A mediação se torna perceptível porque os entrevistados tomam como referência a titulação. Em outras palavras, eles sabem que são quilombolas desde que nasceram, mas só se sentiram quilombolas depois de um documento oficial.

Com base nos testemunhos orais do grupo construímos essa análise sobre a identidade negra em Sambaquim e como eles atualizaram esse conceito. A revalorização da cor passou a ser o símbolo da luta e tem evocado uma nova percepção sobre eles mesmo e nos processos identitários. Hoje, após a certificação, a comunidade começou a se politizar e a buscar melhorias para quilombo.

Considerações finais

Após algumas páginas escritas sobre nossas pesquisas de campo, estas, embasadas nos registros orais e histórias em comum de uma memória coletiva dentro da comunidade, apresentamos um breve relato sobre a história e construção de narrativas contadas através da oralidade da comunidade e a como se deu a construção da identidade negra no Quilombo Sambaquim.

No quilombo Sambaquim, aos poucos, os moradores vão dando um novo significado as suas lutas. A condição “remanescente” apresentou para a comunidade a garantia sobre o direito de suas terras, voz política e a continuidade de suas manifestações artísticas, que agora ganharam maior visibilidade para a sociedade cupirense. O processo de reconhecimento intensificou os diálogos sobre memória e a história da comunidade, atribuindo dessa forma, uma nova simbologia ao seu passado, exaltando as tradições deixadas pelos seus ancestrais, como por exemplo, a música e principalmente a dança tradicional do quilombo: a dança da mazurca.

Assim, os valores culturais herdados dos seus descendentes passam a ter menos aceitação pelos jovens da comunidade, porque se tornou motivo de constrangimento, buscando uma identidade que não pertence a si e nem ao quilombo. Uma consequência do preconceito ao qual o quilombola se tornou vítima, ressaltando como é confirmado na fala da neta de Ulisses Francisco da Silva, “*se algo de errado acontecer na cidade, foi Sambaquim*”. Porém, mesmo diante das atitudes discriminatórias, ela como membro da comunidade, não se tornou vulnerável e ainda afirma: “*é um orgulho pra comunidade de Sambaquim ser parte dos quilombolas. Eu me sinto. Se alguém me perguntar eu digo que sou de Sambaquim com muito orgulho*”.

Não nos dedicamos provar a existência do quilombo Sambaquim. Trouxemos à tona os diálogos decorrentes de suas memórias individuais e coletivas, as tradições deixadas

pelos seus ancestrais e a construção da sua identidade negra na contemporaneidade, buscando conhecê-los mais de perto oferecendo assim, uma contribuição historiográfica sob uma ótica negra. Compactuamos com a ideia de Gomes, quando ele diz:

Não é só a questão de encontrar os quilombos na documentação. Eles estiveram sempre lá e foram inúmeros. Nossa proposta de estudo tem sido mergulhar nos universos em que viveram os quilombolas e se formaram os quilombos. Tentamos escapar às armadilhas analíticas sobre os quilombos que enfatizam o eixo de sua formação-destruição (GOMES, 2005, p. 32).

Por fim, ser quilombola em Sambaquim, atualmente, é motivo de orgulho. A identidade negra da comunidade e a valorização recente da cor proporcionaram uma autoestima elevada na comunidade, mesmo diante das dificuldades, as questões identitárias e as expressões culturais sobressaíram à episódios de discriminação racial que o grupo sofreu por muito tempo, e ainda sofre, mas que não deixaram de lutar por um espaço político e de representatividade na sociedade.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos**: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (século XVII-XIX). São Paulo: UNESP; Pólis, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003, p. 41-42.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. II. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução “do Popular”, In: STOREY, John Storey (Org.). Teoria cultural e cultura popular: uma introdução. São Paulo: SESC, 2015.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educ. Pesq.** São Paulo, v. 29, n. 1, jan./jun. 2003.

GUSMÃO, Neusa Maria M. de. Caminhos transversos: território e cidadania negra. In: ABA. **Terra de quilombos**. Rio de Janeiro, 1995.

GUSMÃO, Neusa Maria M. de. Herança Quilombola: negros, terras e direitos. In: MOURA, Clóvis. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MATTOS, Hebe; CASTRO, H. M. M. Políticas de reparação e identidade coletiva no mundo rural: Antônio Nascimento Fernandes e o Quilombo São José. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.I, n. 37, 2006, p. 167-189.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2014.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, a. 3, 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, a. 10, 1002, p. 200-212, 1992.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Boaventura Sousa. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Boaventura Sousa. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e Conhecimento. *Currículo sem Fronteiras*, v. 3, n. 2, jul./dez. 2003, p. 5-23.

SILVA, Dimas Salustiano da. Constituição e diferença étnica: o problema jurídico das comunidades negras remanescentes de quilombos no Brasil. In: ABA. **Terra de quilombos**. Rio de Janeiro, 1995.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África I – Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática/Unesco, 1980.

Fontes orais:

FILHO, Otávio Miguel. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

LIRA, Antônio Francisco de. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 29 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, José Joaquim da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Josefa Estelina da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, José Joaquim da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Maria Sileide. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Otávio Miguel da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 29 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Quitéria Josefa da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 29 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Solônia Josefa da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Ulisses Francisco da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.